

Reduzir em 50 por cento o lixo produzido para agilizar gestão de resíduos

Na sessão inaugural da 9.ª edição do Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF) falou-se de estratégias para a gestão de resíduos e de sustentabilidade. À margem da sessão, o moderador, António Trindade, disse ao PONTO FINAL que a solução para Macau não passa por uma nova incineradora mas por uma redução em 50 por cento do lixo produzido.

SÍLVIA GONÇALVES
SILVIAGONCALVES.PONTOFINAL@GMAIL.COM



A solução para a gestão dos resíduos em Macau não passa pela construção de novas estruturas para o seu tratamento. A resposta passa por reduzir 50 por cento do lixo produzido no território, defendeu António Trindade, que acredita tratar-se de uma empreitada possível de atingir num período de entre cinco a dez anos. Para tal, importa envolver cidadãos, empresas e Governo, para, em conjunto, encontrar um processo que permita atingir tal objectivo, defendeu o presidente da Associação para a Protecção Ambiental de Macau ao PONTO FINAL, à margem da sessão “Zero Resíduos e Elevada

Eficiência – Estratégia Oceano Azul para o Sucesso das Empresas”.

“Até hoje temos adoptado as estratégias de pensar: ‘Ok, vamos fazer uma central de incineração, um aterro sanitário, muito sofisticado, não é nada disso. Em Macau, será que precisamos de uma nova central de incineração ou precisamos de reduzir 50 por cento o lixo que produzimos?’, questiona Trindade. O engenheiro e gestor insiste no decréscimo dos desperdícios produzidos: “Para a redução do lixo que produzimos não há uma fórmula única, há o empenho em criar processos e procedimentos

para que isso assim aconteça. Porque se olharmos para a qualidade dos resíduos, já deixamos de pensar em resíduos em si mas como produtos consequentes daquilo que é a nossa actividade e isto tem normalmente a consequência de aumentar a qualidade de vida”, explica.

E como se pode efectivar a redução em 50 por cento do lixo produzido no território? “É pegar em empresas, parceiros, comunidades, sentar e fazer um plano para o implementar. Há trinta anos, Macau tinha um problema de lixo, tinha ratos na rua e deixou de ter. Só que aquilo que existe em Macau

hoje tem trinta anos e Macau mudou substancialmente. Macau é uma comunidade urbana, o fundamental disto são as pessoas, não só as que cá vivem como as que visitam, são trinta milhões por ano”, lembra.

E em que ponto se encontra hoje o território, na concepção de uma gestão dos resíduos? “Estamos num estado de repensar a maneira como encaramos os resíduos e o processo de viver na comunidade urbana. Só encarando isto nós vamos resolver muitos dos problemas que temos. Porque não há solução. Quando se fala numa central de incineração nova, onde está o espaço? Onde a vamos meter?”, pergunta o também director geral da CESL Asia, que insiste no que considera ser a prioritária redução dos desperdícios. “O que acontece é que vamos arranjar soluções e melhorar a qualidade de vida das pessoas. É possível em cinco, dez anos reduzir 50 por cento dos resíduos, completamente. É preciso envolver as pessoas, as empresas, o Governo, todas as entidades, para encontrar um processo e uma maneira de atingir este objectivo”.

Quando instado a identificar falhas na actuação governativa, António Trindade aponta a necessidade de virar a página: “Está a falhar isto, assumir que a solução de há trinta anos já não funciona. Macau mudou muito, não é construir outra central de incineração da mesma maneira que esta existe. Só por muita sorte é que isso é solução. Fazer os mesmos concursos, olhar para os mesmos programas e para fornecedores que não mudaram nada, que continuam a fornecer o mesmo produto. Macau mudou tanto. Não é mudar só o comportamento, é o empenho”, defende.

António Trindade remata: “A questão do ambiente não é uma tecnologia, não é tratamento de resíduos, é qualidade de vida. E qualidade de vida quer dizer sucesso, riqueza, conforto, quer dizer progresso constante. E portanto ‘Zero Resíduos’ não é um objectivo, é a consequência”.